

O REFORMADOR

SEMANARIO INDEPENDENTE

A. THEMUDO CORTE REAL
Director e Editor

ESPINHO, 31 DE DEZEMBRO DE 1922

J. LUIZ FERNANDES
Secr. da Redacção e AdministradorPropriedade da Empresa
«O REFORMADOR»Redacção e Administração
Rua do Norte, 532
Comp. e Imp. na TIP. GONCALVES
Rua do Almada, 348—PORTO

C. P.

III

Espinho não sendo terra de cafres, como concluíamos no nosso artigo anterior, não pôde assistir impassível, inerte e despreocupado perante os grandes senhores da C. P. que, sem razão plausível e só por uma obstinada e propositada má vontade contra a nossa terra, matém intacto, senão peor, o velho pardieiro a que chamam estação d'Espinho—velho e nauseabundo casarão, sem uma unica qualidade recomendavel para desempenhar, as funções a que se destina. Agora, então, com a nova situação que a alta gerencia de quem naquilo risca, deu ás bilheiteiras, a emenda é muitissimo peor que o soneto, porque a bicha na aquisição de bilhetes ou tem de sair pela porta e estender-se pela Avenida ou então e sobretudo quando chove tem de formar-se em caracol, dando logar a scenas pouco edificantes e improprias de terras de brancos.

Espinho que não é terra de cafres, contribue em larga escala para que a C. P. mande iluminar convenientemente, a luz electrica, o seu historico apeadeiro e dependencias correlativas, de fórma que os nossos visitantes, ao desembarcar, não tenham duvidas de que estão na nossa praia.

Espinho que não é terra de cafres, com um movimento comercial e industrial dignos de registo e que aos cofres e caixas fortes da ingrata e irritante companhia leva o melhor de algumas centenas de contos, precisa de um caes de pequena velocidade em logar proprio, e com a area indispensavel ao seu espantoso tráfego, em vez de uma velha e microscopica barraca de madeira que faz lembrar os tempos saudosos do Tresquilhas com toda a sua jumentada.

E' preciso que se diga bem alto aos senhores dirigentes da intransigente sociedade ferro-viária que essa grotesca gaiola destinada a pequena velocidade, pela sua limitada área obriga a aglomeração de mercadorias, dificultando assim o seu movimento e que isso causa prejuizos incalculaveis á nossa terra.

Espinho que não é terra de cafres e que se présa de, por meios legais e em termos correctos, se ter dirigido aos poderosos senhores da truanesca companhia, lembrando-lhes para que nos façam justiça, vendo esgotados todos os seus esforços e verificando que a sua correção em nada influuiu para que os potentados da C. P. mudassem de rumo, resolve falar claro, alto e bom som.

Espinho que não é terra de cafres tem o direito de exigir que se faça uma vedação da linha ferrea digna desta linda praia, em vez dessa muralha que para aí construíram ultimamente no centro da vila, em plena Avenida, verdadeira fortaleza capaz de suportar os nossos ataques, mas imponente para resistir ao inolvidavel toque de corneta do saudoso Antoninho Faustino...

O Descalábri

Continúa o país a debater-se numa crise que o define e empobrece enquanto aqueles a quem compete o estudo e resolução do problema financeiro—que é o nosso principal problema—vão atirando aos quatro ventos as suas descontraças opiniões. Palavras, só palavras e nada mais...

Sua Ex.ª o Ministro das Finanças diz-nos que a causa do agravamento cambial é a especulação desenfreada que se está fazendo por toda a parte

e que, para combater essa especulação, é preciso contra especular. Cunha Leal preconiza a criação dum Banco do Estado constituído por banqueiros e pelo proprio Estado. Esse Banco seria o regulador dos cambios e obteria as cambiais necessarias aos governos para satisfazerem os encargos do Tesouro publico. Achamos bem mas parece-nos pouco para debelar os males que nos afligem.

Entendemos que a valorisação do escudo só é possível pela acção oposta áquella que originou a sua desvalorisação. Ora todos sabem que a des-

valorisação é devida á falta de reserva metálica correspondente ao papel-moeda em circulação. Sendo assim e assim é, o que há a fazer?

Habilitar o Banco a reforçar a sua reserva e logo termos uma melhoria cambial correspondente. Os empréstimos até agora feito pelo Banco ao Estado ascendem a mais de 850.000:000\$00 (baseamos nos balancetes do Banco), ou sejam cerca de 4/5 da totalidade das notas em circulação! Parece fantastico mas é verdadeiro. E' claro que o Estado tem de pagar, mas como, se não tem numerário?

Recorrendo ao empréstimo e criando receitas... E haverá quem empreste, objectar-nos-hão?

Nós responderemos quesim; tudo depende da forma como estiver constituído o governo que tratar da operação.

Identifique-se a Republica com a nação e tudo será possível porque mesmo cá dentro, existe muito ouro.

Sob este ponto de vista o ilustre titular da pasta da instrução sr. Dr. Leonardo Coimbra está mostrando uma habilidade digna de nota, porém opõe-se-lhe aquela parte do seu partido que não entende como se governam povos com o cérebro. Mas, obtido o empréstimo, e uma vez atingida a divisa ó sobre Londres, começaria a queima de notas numa importancia desnecessaria no momento ao movimento comercial e industrial do país e a sim sucessivamente até ao limite compatível com as necessidades do meio.

Simultaneamente diminuir as subvenções do funcionalismo, reduzir ao minimo os effectivos militares, fomentar a agricultura e a industria, revogar a lei das 8 horas, cortar todas as despesas supérfluas, fazer uma estricte economia das receitas publicas, e, finalmente, pôr em pratica todas as medidas necessarias á efectivação do equilibrio financeiro e económico da nação. Eis o caminho que nos conduzirá á prosperidade; segui-lo-hemos? Não o seguindo virá o descálábri certo, certissimo! E com ele um cortejo de desgraças que nem o regimen nem a propria nacionalidade pouparão.

Aos nossos assinantes

Tendo mandado cobrar as assignaturas relativas ao 1.º semestre de «O Reformador» e não sendo encontrados em suas casas alguns dos nossos estimados assignantes, rogamos-lhes a subida fineza de fazerem entrega das respectivas importancias, em troca do recibo, no edificio da nossa redacção, todos os dias uteis das 13 ás 15 horas. A nossa redacção continua sendo na R. do Norte, 532.—A Administração.

O cumulo!

A proposito da debatida questão do imposto «ad valorem», que a Camara Municipal d'Espinho maneja como um punhal, sempre pronto a ferir os seus adversarios, o nosso presado colega «O Comercio do Porto» publica a local que a seguir transcrevemos, a qual, pela forma clara como comenta a carta que o snr. dr. José d'Oliveira Salvador enviou á redacção, tentando justificar as violencias da Camara, dispensa quaisquer comentarios.

Os nossos leitores, em face dos dados e das conclusões que se antecedem á referida carta, avaliarão da justiça e do criterio «imparcial» uzado pelo seu signatario.

Imposto «ad valorem»,

A proposito de uma noticia publicada neste jornal, a respeito do imposto «ad valorem», recebemos do snr. presidente da comissão executiva da camara municipal de Espinho a carta que abaixo transcrevemos.

Cumpre-nos esclarecer que a nossa alegação sobre a multiplicação do imposto «ad valorem» tem todo o fundamento: Sobre a mesma mercadoria pôde recahir cinco e até mais vezes esse abominavel imposto. Efectivamente, pôde ser pago sobre as materias primas, sobre os envulcros e, por fim, sobre os productos, tantas vezes quantas esses objectos forem «exportados» (deixe-se passar o extravagante termo) de concelhos que tenham a infelicidade de viver sob o regimen do imposto «ad valorem», hoje perfeitamente substituível pelo adicional a que se refere o artigo 65.º da lei n.º 1:368 e o artigo 32.º das instrucções regulamentares aprovadas pelo decreto n.º 8:403.

Quanto á variação da taxa do imposto «ad valorem» segundo as variações dos preços tabelares das mercadorias, é preciso não perder de vista que esses preços se referem a encomendas futuras e não a encomendas «em execução». Agravada que fosse, pois, a taxa do imposto, á face de qualquer nova tabela de preços, succederia ir operar productos cujos preços estavam definitivamente fixados, tendo, portanto, esse regimen tributario efeito retroativo e base falsa, o que seria inadmissível.

De resto, a camara de Espinho está sobrecarregando bem fortemente os productores daquele concelho. Para o reconhecer basta lançar os olhos para a seguinte tabela de confronto que, de per si, diz mais do que longas considerações:

CONCELHOS	TAXA	BASE	IMPOSTO
			Reis por kg.
Espinho	3 010	6\$00	180
Ovar	1 010	\$38	3,8
Faro	1 010	\$80	8
Lagos	1 010	\$90	9
Olhão	1 010	1\$20	12
Aveiro	1 010	1\$50	15
Setubal	2 010	\$90	18

E convem notar que a base do imposto é tomada sobre o peso liquido, na generalidade dos concelhos, ao passo que no concelho de Espinho é calculada sobre o peso bruto, isto é, pagam como conservas, por exemplo, as caixas, os precintos, etc.

Como se vê, o imposto «ad valorem» em Espinho é 10 vezes superior ao mais elevado que figura na tabela acima apresentada.

Não é, deve convir-se, com tal tributação que pôde animar-se o desenvolvimento da produção, em qualquer concelho. Parece-nos, pois, que a camara municipal de Espinho procederá bem modificando o regimen tributario que estabeleceu e contra o qual tem estado pendentes dos tribunales diversas reclamações

Eis a carta a que nos referimos:

Snr. director—No numero de hontem, 22, do jornal de v. e em local sob a epigrafe «Imposto ad valorem», afirmava-se que a camara municipal de Espinho estava cobrando 6\$00 deste imposto por kilograma de conservas, caso que era comentado desfavoravelmente para este municipio.

Não é, infelizmente, a primeira vez que «O Comercio do Porto» se refere a este corpo administrativo, sobre este assunto tendo v. mesmo afirmado, num dos congressos economicos, que productos da fabrica de conservas da firma Brandão, Gomes & C.ª, Limitada, estavam sendo cobrados por esta camara cinco vezes o imposto «ad valorem», o que me leva a crer que alguém haja que, esquecendo-se do elevado conceito que v. a todos merece, se entretenha levanamente a dar-lhe erradas informações. Para as dementir, devo informar do seguinte:

1.º—A referida firma Brandão, Gomes & C.ª, Limitada, nunca foi cobrada cinco vezes o imposto «ad-valorem», já porque não era possível e muito mais porque, á data desta afirmação, não havia ela pago um unico centavo;

2.º—Desde abril até 25 de outubro do ano corrente, a percentagem cobrada por este municipio foi de 3 0/10, atribuindo ao kilograma de conservas o valor de 1\$50, preço este muito inferior ao do mercado e até aquele que a já citada firma me apresentou, deduzido com os maximos descontos;

3.º—Apesar deste preço, que lhe era favoravel, haver ficado dependente de qualquer alteração de preços que a referida firma fizesse nos seus catalogos, deu-se o estranho facto de os terem elevado já no catalogo que entrou em vigor no dia 1 de julho e muito mais na circular por ela distribuido em fins de agosto e a principiar em 1 de setembro, não tendo sido comunicada nenhuma destas elevações de preços, até hoje, a este municipio.

4.º—Desde 25 de outubro, a referida percentagem tem sido cobrada por esta camara atribuindo ao kilograma de conservas o valor de 6\$00, preço ainda interior ao do mercado, na presente occasião, pagando consequentemente este producto por kilograma 18 centavos, em vez de 1\$50, como parece desejar o autor da local:

5.º—Este valor de 6\$00 atribuido ao kilograma de conservas certamente é favoravel aos seus fabricantes, ou, pelo menos, justo, pois tenho todas as razões para o supôr, visto que nem estes nem quaesquer outros exportadores de outros productos apresentaram até hoje a esta camara municipal reclamação alguma, o que bem demonstra o cuidado e a boa orientação que ela tem tido, quer nos valores attribuidos aos productos sujeitos ao imposto «ad-valorem», quer nas suas percentagens."

Confiado na honrabilidade com que v. tem sempre dirigido o seu jornal, rogo-lhe a publicação desta carta, o que desde já agradeço, subscrevendo-se com o mais subido respeito e elevada consideração, o de v., etc., José de Oliveira Salvador, presidente da comissão executiva da camara municipal de Espinho, 23 de dezembro de 1922.

Lourenço Marques perante a União Sul-Africana digna sucessora de John Bull

Estando em foco a questão suscitada pela interrupção do «Modus vivendi» entre os dominios da União Sul-Africana e a nossa provincia de Moçambique, achamos de toda a oportunidade dizer alguma coisa sobre tão momentoso assunto trasladando para aqui a já longa historia da bahia de Lourenço Marques, capital da referida provincia (tambem conhecida por Delagoa Bay entre os inglezes), o que decerto agradará aos nossos leitores. Como seria fastidioso inserir duma só vez toda essa resenha, tentaremos faze-lo em successivos numeros, para não machar os nossos estimados leitores, estando certos de que, nem por isso deixará de os interessar fortemente.

Lourenço Marques, bahia do districto do mesmo nome, na provincia de Moçambique, (Africa Oriental) é justamente considerado o melhor porto da costa sueste, por consistir num vasto e seguro abrigo dos navios que demandam a entrada natural para o Transvaal e a Suazilandia. Forma ella uma consideravel reintrancia na terra, em forma de sacco, com a abertura voltada para o N., compreendida entre a Xefina, pequena ilha situada junto da barra do Lucomati e as ilhas da Inhaca e do Elefante que a abrigam por L. Da Xefina sae uma longa e estreita restinga que corre para E.—W., e pelo N. das ilhas da Inhaca e do Elefante estende-se uma série de bancos perigosos para a navegação mas que deixam entre si dois canaes d'acesso para o interior da bahia, na qual desaguam o Incomati, o Espirito Santo e o Maputo.

A largura maxima da bahia, entre a fóz do Espirito Santo e a ilha do Elefante, é de 29 kilometros e o maximo cumprimento entre a restinga de Xefina e o S. da bahia é de 51 kilometros. Não é isenta de dificuldades a navegação na bahia de Lourenço Marques, por que alguns baixios perigosos ali existem, e por isso se construiu um farol no baixo Cockburn e se pôz em pratica um sistema de balisagem que assegura a qualquer hora a entrada no porto, cujo movimento se tem desenvolvido grandemente nos ultimos anos. Para E., na embocadura da bahia e a 25 k. de Lourenço Marques, está a ilha do Mel ou de Benguelena e mais para dentro fica a dos Limões. Estas ilhas, assim como a da Maçaneta, estão cobertas de bosques que produzem excelente madeira. A ilha do Mel, conquanto pequena, é uma excelente posição estrategica.

Lourenço Marques, é hoje, e continuará a sê-lo, o porto do Transvaal.

Debalde o Cabo oferece aos vapores todas as segurancas e facilidades; debalde tambem Porto Natal procurou á custa de dispendiosissimas obras, corajosamente proseguida, vencer as deficiencias naturaes, que com um e outro sustenta victoriosa lucta a formosa e vastissima bahia de Lourenço Marques. Debalde ainda procurará a União Sul-Africana construir um novo porto d'acesso ao Transvaal, mais dispendioso ainda que os outros, e oferecendo tambem dificuldades insuperaveis.

Muito consideravel é já ali o movimento de navios que dia a dia vem aumentando e aumentará, se por incúria não deixarmos desmazelar os serviços do trafico.

Espinho, 26 12—1922.

(Continua).

SOCIEDADE

A pedra da moda

Não é a simples turqueza—de um azul doce, igual, ti-

rando sobre o verde—mas a turqueza matriz, uma recem-chegada, uma turqueza trufada—se se permite essa palavra, que dá bem a ideia de sua poesia—de multiplas manchas de cores diversas, amarela, marron, roma, dourada. Mon-

ta-se essa pedra num anel e é uma alegre nota azul, que se atira sobre a brancura das meigas mãos femininas; em barrete, ella dá uma certa graça e ilumina os rendados; em pequenas cravações tem os aspectos mais imprevisitos; para pulseira, harmonisa-se delicadamente com os esmaltes.

Póde ser a pequena cabeça de um alfinete de gravata ou, ainda, o escaravelho egicio, que orna o pendentif ideal... Enfim, é tudo quanto se quer, desde o pequeno ao grande—e ainda por cima é mascote. Tudo isso significa a popularidade, que ganhou, apenas appareceu a turqueza matriz. Essa pedra que está muito em moda e, dizem, possui virtudes prodigiosas como talisman, póde ser montada em qualquer joia.

Chegada

Depois de uma longa permanencia no Pará, chegou há dias a esta praia e em visita a sua Ex.^{ma} familia, o nosso presado amigo e importante comerciante naquella cidade, o snr. José Nicolau Soares da Costa.

Doente

Encontra-se doente em Oliveira de Azemeis, o nosso bom amigo snr. Antonio Ferreira Alves, a quem desejamos rapidas melhoras.

Manoel Joaquim Simões Pedro

Partiu para Lisboa na ultima quinta-feira devendo regressar a esta praia no rapido de hoje, este nosso presadissimo amigo, digno socio-gerente da considerada firma Antonio Sereno & C.ª e presidente da Associação Commercial e Industrial.

Haja educação!

A cobrança do «Imposto do trabalho» tem, segundo pessoa auctorizada, nos informa, dado logar ás mais repugnantes vergonhas e aos mais inclassificaveis abusos. Segundo o testemunho do nosso solicito informador, ha dias, no mercado municipal, foi assaltada uma senhora, por signal estrangeira, sendo intimada, por um fiscal da Camara a mandar pagar em determinado prazo á respectiva thesouraria, a importancia do imposto que a Camara se lembrou de lançar ao marido dessa senhora e a dois filhos, já casados, que aqui residem, com suas familias, em casas diferentes.

Para fazer a tal intimação não foram observadas quaesquer normas da boa educação ou respeito. O assalto foi feito de forma, que as pessoas que assistiram á vergonhosa scena julgaram tratar-se d'algum crime ou roubo de grande importancia. Pena foi não estar presente o marido, ou qualquer dos filhos, porque, com certeza, o «zeloso» fiscal não ficaria com vontade de repetir a cobarde façanha...

A Camara Municipal, que certamente não ordenou tal violencia, e ao snr. Administrador do concelho, que provavelmente não teve conhecimento do caso, pedimos energicas e urgentes providencias, tendentes a evitar a repetição de semelhantes scenas que só depõem em desprestigio da terra e das suas auctoridades.

Basta de canibalismo!

Associação de Assistencia

O Natal dos seus pobresinhos

O Ex.^{mo} Snr. Alexandre Brandão, actual e muito digno Presidente desta Associação, mandou distribuir, a expensas suas e segundo o costume por elle seguido há alguns anos, um bodo a todos os pobres protegidos por esta benemerita Instituição. Compareceram no dia de Natal na Cantina da Associação 112 pobres, aos quais foi distribuido, a cada um, o seguinte:

- 400 gr. de pão de trigo;
- 250 gr. de bacalhau;
- 500 gr. de batata;
- 500 gr. de castanha;
- 1\$50 em dinheiro.

Obras de tão grande beleza e altruismo não carecem de ser enaltecidas, e somente lamentamos que tão grande benemerito e amigo dos pobres de Espinho não pudesse, devido ao seu estado de saude, assistir a acto tão comevedor, pois, estamos certos, que sua Ex.^a encontraria na alegria que por occasião dessa distribuição manifestaram todos esses desprotegidos da fortuna, a melhor recompensa para a sua caritativa e importante dadiwa.

A Direcção desta prestiknosa Associação recebeu, para melhorar as refeições dos dias de Natal e Ano Novo, mais os seguintes donativos:

EM DINHEIRO

Agostinho Tavares	100\$00
Companhia «Senhor dos Afflictos»	100\$00
Licinio Granja	50\$00
Amadeu da Silva Quintas	50\$00
Joaquim Gomes dos Santos	30\$00
Abilio Pinto de Almeida	30\$00
Anonimo	20\$00
Lucilia e Cecilia de Oliveira	20\$00
Semanario «O Reformador»	10\$00
Mariano Peixoto	5\$00
José Antonio dos Santos	5\$00
D. ^a Rita Pais	3\$00
D. ^a Arminda C. Guimarães Batista	2\$50
Total	425\$50

EM AGASALHOS

D.^a Eugenia A. da Fonseca Araujo Neves:—3 cache-cols e 1 cobertor.
A Direcção distribuiu por conta do fundo de vestuario da Associação os seguintes artigos:

Fatos para rapazes	9
Casacos para homens	2
Vestidos para mulheres	8
Vestidos para raparigas	44
Babeiros para rapazes	34

Parte destas peças de vestuario foram confeccionadas por algumas Senhoras da nossa praia, entre as quais se contava a Ex.^{ma} Snr.^a D.^a Zulmira Dias Loureiro, infatigavel Directora da Cantina.

Pede-nos a Direcção da referida Associação para paten-tear-mos aqui a todos estes generosos bemeitores o preito sincero do seu muito reconhecimento e o profundo agradecimento de todos os pobresinhos contemplados com o produto da sua muita Caridade.

Casos & Noticias

Boas-Festas

Recebemos dos nossos presados amigos snrs. Adelino Araujo & C.ª, proprietarios da «Casa Aurora» um cartão de cumprimentos.

Agradecemos.

No Vale do Vouga

Os ferro-viarios do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, em reunião efectuada em Albergaria-a-Velha, para analisar as causas que deram origem á demissão por parte da Companhia d'um seu camarada, resolveram manter-se em sessão permanente até a Companhia ordenar a reintegração do empregado despedido.

Feiras

Em virtude do bom tempo e da solemnidade do dia a feira semanal realisada na ul-

tima segunda-feira, foi uma das mais concorridas.

Houve grande abundancia de generos, notando-se alguma baixa nos preços de alguns artigos, como os ovos, que chegaram a vender-se a 3.000 a duzia.

Farmacia

A farmacia que se encontra hoje aberta é a do snr. Francisco Ferreira dos Santos, á rua Bandeira Coelho.

Balles

Segundo nos informam realizam-se «soirées» dançantes em varias agremiações, entre ellas no «Excelsior Club», que inaugura os seus saldes no dia 1.º de Janeiro, e no «Grupo S. Joanense».

Cinematografo

A Empreza Teatral e Cinematografica de Espinho, pela mão do seu director tecnico o nosso presado amigo snr.

Capão. Delicioso vinho de meza

EXIGI-LO EM TODA A PARTE

Luiz Lopes, vai apresentar-nos no «Capão» a maior e mais completa produção cinematográfica, pois trata-se da maravilhosa película «Aos Corações do Mundo».

Para a sua exhibição, que se realiza nas tardes e nas noites de 31 do corrente e 1 de Janeiro, consta-nos que já está quasi tomada a lotação da casa.

As «Janeiras»

Manoel de Jesus Ribeiro e o seu tradicional grupo vão hoje dar as boas festas

Mantendo a velha tradição, o sr. Manoel de Jesus Ribeiro sai esta noite com o seu original grupo a fim de saudar os habitantes de Espinho deliciando-os com as suas engraçadas cantigas, cujas quadras, feitas a proposito, provocam sempre o bom humor e a costumada gratificaçãozinha...

O incansavel Manoel, desejando trazer sempre novidades, ensaiou o seu grupo, constituído na sua maioria por elementos do grupo S. Joanense, de fórma a conservar a fama adquirida já nos anos anteriores, apresentando desta vez uma aluzão dedicada aos heróicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em que serão cantadas, entre outras, as seguintes quadras:

Zé Povinho

«Está presente o Zé Povinho»
«Eterna cavalgadura»
«E tambem Gago Coutinho»
«Tendo ao lado Sacadura»

Gago Coutinho

«Deixa lá isso Zézinho»
«Não azedes a questão»
«Porem a fé de Coutinho»
«Tu em parte tens razão»

«Portugal sofre revezes»
«Sente um grande mal estar»
«Mas há-de haver portuguezes»
«Que ainda o hão-de salvar»

Sacadura

«Tu tens palavras modestas»
«Mas creio estares enganado»
«Repara nas grandes festas»
«Que o povo nos tem dedicado»

«Nós não somos merecedores»
«De tamanhas epopeias»
«Como nós aviadores»
«Há-os p'ra'hi ás mãos cheias»

Excelsior Club

Em virtude de não estarem concluídas as obras do salão deste Club, ficou adiada a inauguração do mesmo para o proximo domingo, 7 de Janeiro, impreterivelmente, sendo essa festa anunciada por uma salva de 21 tiros ás 7 horas da manhã daquele dia, havendo, sessão solene ás 8 horas da noite, seguida de baile, que promete estar animadissimo.

Os nossos poetas

CABELOS

Dois cabelos ou três, de fino ouro,
Que dos teus vi ficar presos num ramo,
São, meu amôr, o meu melhor tesouro,
Aquele a que eu mais quero e que eu mais amo.

Tal o avaro de algum conto moiro,
Carinhos, mil, misterios mil derramo
Sobre o cofre, onde os seus cabelos de ouro
Guardo, desde que os vi presos num ramo.

E cada dia, amor, n'uma ternura,
Com mil carinhos e com mil desvelos,
Eu abro o cofre, e logo a luz fulgura!

E penso, então, ditoso só de vê-los,
Que é tão futil, na vida, uma ventura,
Que até pode existir n'alguns cabelos...

José Bruges de Oliveira.

CRONICA SPORTIVA

O ENCONTRO PORTUGAL-ESPANHA

Era um mar humano a assistencia que se comprimia na ancia de presenciarem este encontro, que foi a mais alta manifestação desportiva do nosso país. O vasto campo do Stadium, completamente apinhado, dava um aspecto imponente e a anciedade, a comoção que cada peito em si trazia, o nervosismo natural de semelhantes momentos, lia-se em cada rosto.

A's 10 horas, afirmava-se, já na geral havia uns dez mil espectadores — e os grupos passavam sempre, os carros eram tomados de assalto — Lisboa despovoava-se para ir levar aos nossos onze representantes um bocado do seu entusiasmo, do seu incitamento — Portugal inteiro mandava áqueles paladinos do seu valor um bocado da sua Alma.

E' o grupo hespanhol o primeiro a entrar no campo — calção azul e camisola encarnada. Esturgem as palmas, uma ovação calorosa, que se repete quando é a vez do onze nacional se apresentar, todo de preto, com as quinas sobre o coração generoso.

Os preliminares embora necessarios, impacientam. Tiram-se fotografias; um operador cinematografico trabalha. Mr. Bawley, o arbitro escolhido, inspeciona o campo — até que entram os representantes da União Portugueza e Federação Hespanhola, há a troca dos ramos, hurrahs pelo foot-ball portuguez é hespanhol e

O arbitro dá começo ao desafio

que começa, enérgico e leal. Ambos se esforçam, ambos trabalham com ardor pela victoria almejada — sem que nenhum dos grupos domine duma maneira absoluta, embo-

ra se verifique uma ligeira pressão do onze portuguez. Uma defeza de Zamora, faz já adivinhar a sua classe. Um remate de Jaime faz perpassar por todos nós um Ah!!! — por ter ido fora.

E o jogo continua até que, quasi finda a primeira parte, Rio centra forte e Jaime envia ao goal um cañonazo imparavel, indo a bola anichar-se nas redes hespanholas.

A ovação que coroou este feito tem qualquer coisa de apoteótico. Todos gritam, todos se abraçam, ha lenços, chapéus pelo ar, todas as caras espalham a alegria, o jubilo é intraduzivel.

E a primeira parte acabou com o resultado de 1-0 a favor dos portuguezes.

2.ª PARTE

Não se mantem, porém, o resultado, porquanto os hespanhois, neste tempo, conseguem a sua primeira bola, dum «corner», e a segunda, sete minutos antes de findo o desafio tambem foi morrer nas nossas redes, vagarosamente, como se fôra por favor ou envergonhada de nos roubar um empate a que tinhamos jús.

Foi nesta parte que Zamora, na defeza dum formidavel shoot de Torres Pereira, mostrou brilhantemente, quão justa é a fama de guarda-rede inegalavel de que gosa. A extraordinaria rapidez, a maneira como «blocou» a bola, o brilhantismo como actuou, definiram-no.

No onze portuguez, dois jogadores houve simplesmente colossaes: — Pinho e Fernando de Jesus. Victor Gonçalves e Guimarães, muito bem; Jorge Portela e Alberto, muito abaixo dos seus créditos. Os restantes á excepção de Rio, extremamente moroso (embora tendo algumas passagens muito boas) estiveram regulares.

A arbitragem não agradou. Mr. Bawley tem uma qualidade grande, quanto a nos: — Não necessita fazer uma equação para aplicar um castigo. E' rapido, incisivo e, talvez por isso, erra — como bastas vezes errou.

Impressões dos outros

Juanito Garcel, o que foi o famoso guarda-rede, foi durante longo tempo nosso companheiro de viagem: Teve captivantes palavras para os jogadores portuguezes, que conhece de ha muito, e nos quaes reconhece o estofa de «players» admiraveis.

Depois do encontro teve palavras de louvor para o nosso grupo, profetizando-nos uma bela victoria no encontro França-Portugal. «Os portuguezes, disse, possuem as mesmas características dos hespanhoes, e são essas mesmas características que explicam as nossas victorias: — a rapidez, a impetuosidade, o ardor.

Nós é certo que possuímos, mercê da pratica, uma coisa que lhes falta: — a tecnica, mas estão no caminho de a alcançar porque ela só se adquire com constantes encontros internacionais».

O Dr. Ormachea, esse a firmou, então, que dados os progressos que encontrou nos portuguezes, verificou que os hespanhoes teem que, para o ano, tratar com o maximo escurpulo da sua selecção senão quizerem apanhar uma palissa.

Carola.

Necrologia

Maria Rosa

Alves Dias

Na primavera da vida, pois contava cerca de 20 anos, faleceu, na semana anterior, Mlle., Maria Rosa Alves Dias, dilecta filha do nosso particular amigo snr. Vicente Alves Dias, considerado negociante desta praia.

A saudosa extincta succumbiu aos estragos produzidos por uma pertinaz doença, de que ha tempo vinha sofrendo.

O seu funeral, realisado no passado sabado, constituiu uma comovente manifestação de sentimento, tendo-se incorporado no prestito o corpo activo dos Bombeiros Voluntarios, de que o pae da falecida é muito digno comandante, diversas colectividades locais e varias pessoas das relações da familia da extincta.

A toda a sua ex.ma familia e em especial a seu pai, apresentamos os nossos sentidos pezaes.

DROINA

Limpa ouro, prata e todos os metais. Talheres, marmores e lava todas as qualidades de tintas.

Pedidos ao agente

J. Santos Carvalho

RUA 16 N.º 1035 — ESPINHO

Pela Imprensa

«A Plebe»

Deu-nos a honra da sua visita este nosso illustre colega, que se publica na ridente vila de Valença, sob a competente direcção do sr. Alfredo Barros.

O brilhante semanario, cuja publicação estava suspensa em virtude de exigencias inaceitaveis feitas pelo seu quadro tipografico, retomou a sua publicidade na ultima semana, conseguindo o seu director, vencendo os obstaculos que á ultima hora lhe surgiram, conforme se verifica na justificação, que significa um protesto a que nos associamos, publicada em normando na 2.ª pagina, fazer sahir «A Plebe», cujo reaparecimento era aguardado com justificado interesse.

Ao nosso distinto colega a expressão sincera da nossa leal solidariedade e os nossos agradecimentos pela permuta que se dignou aceitar.

«Ideia Nacional»

Tambem tivemos o prazer de receber a visita d'este novo semanario, que, defendendo uma determinada facção politica, se apresenta muito bem redigido e com um excelente aspecto grafico.

Muito gratos pela sua visita, muito prazer teremos em permutar.

ANUNCIOS

AGRADECIRENTO

Venancio Alves Dias e familia agradecem reconhecidos a todas as pessoas das suas relações que se interessaram pelo seu querido filho, José Alves de Sá durante a sua doença, bem como a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua ultima morada o cadaver do saudoso extinto

A todos, pois, o seu eterno agradecimento.

Espinho, 26 de Dezembro de 1922.

TRESPASSA-SE

Estabelecimento de merceria e miudezas por seu dono ter de se retirar. Quem pretender dirija-se a rua 16, n.º 1.037.

TIPOGRAFIA GONÇALVES



DE

Alberto José Gonçalves

Rua do Almada, 348—PORTO

*Deseja a todos os seus amigos e Ex.^{mos} Fre-
guexes e Ex.^{ma} Família um Novo Ano muito
feliz e cheio de prosperidades.*

*Quereis economisar meio por meio na execu-
ção dos vossos trabalhos tipograficos?
Mandai-os executar na*

Tipografia Gonçalves

Rua do Almada, 348

PORTO

*Aonde serão executados com a maxima per-
feição e prontidão por*

PREÇOS MODICOS

O REFORMADOR

Semanario —
— Independente

Redacção e Administração — Rua do Norte, 532

Ex.^{mo} S^{nr.} a